

**ANÁLISE DOS POEMAS
TOCANTIS DE SANGUE E
NESTE SÉCULO DE DOR
– ELIANE POTIGUARA**

ALUNA: Brenda Alves
Professor: Pedro Mandagará

SUMÁRIO

1 RESUMO	3
2 INTRODUÇÃO.....	4
3 VIDA E OBRA.....	4
4 FEMINISMO.....	4
5 LITERATURA.....	6
6 POEMA TOCANTINS DE SANGUE.....	7
7 POEMA NESTE SÉCULO DE DOR.....	8
8 CONCLUSÃO	11
9 BIBLIOGRAFIA.....	12

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os poemas “Tocantins de sangue” e “Neste século de dor” da Eliane Potiguara, e neles discutir os elementos que comprovam a preocupação da escritora com a realidade que os povos indígenas vivem. A obra de Eliane Potiguara revela os anos de sofrimento vivenciados pelos primeiros povos do Brasil, fazendo de sua criação poética, a porta-voz dos anseios do seu povo. Os poemas analisados possuem elementos nos quais percebe a luta e inquietação aos problemas que povos indígenas sofreram e sofrem ainda. Nessa inquietação a escritora denuncia séculos de lutas, através da sua poesia ela expressa o sangue que foi derramado.

Palavras-chave: Literatura indígena. Poesia. Feminismo.

INTRODUÇÃO

Eliane Potiguara é descendente de índios Potiguaras do Recife, escritora brasileira contemporânea. Cursos os cursos de Letras e Educação pela UFRJ e extensão em Educação e Meio ambiente pela UFOP. É contadora de histórias. Nasceu em 29/09/1950.

O foco de estudo deste artigo recairá em uma análise de dois poemas levando em conta questões históricas dos povos indígenas como a demarcação das terras e a sua condição como mulher indígena. Djamila Ribeiro (2017), Hall(2002) e Graça Graúna (2012) fornecerão a base teórica para esse artigo.

2- VIDA E OBRA

Eliane Potiguara é brasileira, 56 anos, Conselheira do Impbrapi, Instituto Indígena de Propriedade Intelectual e Coordenadora da Rede de Escritores Indígenas na Internet e do Grumin – grupo de mulheres indígenas/ Rede de Comunicação Indígena. Nascida com outro nome, adotou Eliane Potiguara para homenagear a tribo de onde veio, da Paraíba, os Potiguares (Comedores de Camarão). É formada em Letras e participa de diversas ONGs. Foi indicada, por seu trabalho como ativista, como representante do Brasil na campanha “Mil Mulheres Para o Prêmio Nobel da Paz 2005”. Foi nomeada uma das 10 mulheres do ano em 1988, pelo Conselho das Mulheres do Brasil, por ter criado o GRUMIN. Participou durante anos, da elaboração da “Declaração Universal dos Direitos Indígenas”, na ONU em Genebra. Recebeu em 1996 o título de “Cidadania Internacional”, concedido pela filosofia Iraniana Baha’i, que trabalha pela implantação da Paz Mundial. Foi premiada pelo Pen Club da Inglaterra pelo seu livro A Terra é a Mãe do Índio. Os dois poemas analisados estão no ultimo livro publicado pela escritora “metade cara, metade máscara”.

3- Feminismo

O livro “*O que é lugar de fala*” é uma obra que reflete sobre o lugar do feminismo negro na sociedade e como .Para a escritora analisar o lugar de fala somente sobre as vivências individuais seria um grande erro, pois se trata

de entendermos como as opressões estruturais impedem que indivíduos de certos grupos tenham direito a fala.

Uma das reflexões é sobre grupos sociais marginalizados e invisibilizados. Djamila Ribeiro(2012) afirma que:

“a ausência de mulheres negras e indígenas no feminismo hegemônico e criticou essa insistência das intelectuais e ativistas em somente produzirem um feminismo europeu, sem dar a devida importância sobre a realidade dessas mulheres em países colonizados.”

Potiguara se afirma diretamente e denuncia as violências que as mulheres indígenas sofreram.

No poema “Neste século de dor” Eliane menciona esse lugar da mulher na sociedade que ela vive:

“Neste século já não teremos mais os sexos.
 Porque ser mãe neste século de morte
 É estar em febre pra substituir
 É ser fêmea na dor
 Espoliada na condição de
 mulher.”(POTIGUARA,2018,P.63)

Segundo o dicionário Aurélio (2010) a palavra esfoliada significa “1.tirar a pele de. 2.Arranhar,escoriar.” A condição de mulher indígena é saber que irá conviver com essa retirada da sua identidade, ser privada da sua condição de mulher e mãe. A mulher na obra de Eliane são fortes e questionam o mundo que as cerca.

Para garantir a visibilidade às mulheres indígenas,a escrita é uma das formas de evitar os estereótipos a elas atribuídos. Uma obra escrita por uma mulher indígena sem interlocução é muito importante para entendermos o lugar de fala da mulher indígena e o que ela já passou para estar nesse lugar.

Na literatura contemporânea podemos observar o aumento de obras de autoria feminina e a quantidade de mulheres indígenas escrevendo e denunciando a situação de opressão e desrespeito que envolve esse grupo desde da colonização portuguesa.

O feminismo é um movimento de libertação também da mulher indígena, ele vem para mostrar o protagonismo da mulher na literatura. A obra da Eliane Potiguara destaca o lugar da mulher, pois na nossa sociedade ainda existe o tráfico de mulheres indígenas nas regiões do país, é ainda existem a maior parte que é escravizada ou as vezes são colocadas como empregadas domésticas usadas como mão-escrava.

4-LITERATURA

Para Graça Graúna, militante e escritora indígena, “negar a existência da literatura de autoria indígena e afro descendente, por exemplo, é uma forma de preconceito literário” (GRAÚNA apud POTIGUARA, 2004, p. 20). A literatura é muito importante pois por meio da leitura e da análise dos textos escritos por autoras(es) indígenas, pois até meados do século XX o que tem sido notado é que as vozes destas etnias foram silenciadas

O livro *Metade cara, metade máscara* traz diversos trechos que chamam a atenção para as causas da mulher indígena, e busca uma conscientização através da instrução e da luta política.

Os autores indígenas realizam um trabalho árduo de trazer para o campo da escrita o regaste da sua história. Pensar não apenas o seu povo mais resenificar a história de todos os indígenas que viveram e vivem no nosso país. A literatura é um instrumento muito importante para zelar pelas tradições, e guardando as histórias contadas pelos mais velhos, que são os guardiões da memória e da tradição, sendo essas em suas origens transmitidas oralmente. Segundo Regina Dalcastagnè (2008), o apagamento que é registrado em grupos vistos como marginalizados somente é desfeito quando existe uma construção literária elaborada pelo respectivo grupo.

Conforme a pesquisadora Érika Guesse(2011) elabora sobre as principais características da literatura indígena “Essa literatura teria como uma de suas características centrais tomar os mitos indígenas, que antes eram transmitidos de geração em geração como uma tradição milenar apenas através da oralidade, e recriá-los, dando-lhes uma dimensão estética e conferindo-lhes um caráter literário, na medida em que são escritos, editados e publicados em forma de livro.” Com isso, um fator importante tem surgido é a autoria indígena.

Agora as mulheres indígenas possuem a voz da nossa história sem precisar de intermediários.

5-Poema “Tocantins de sangue”

O poema Tocantins de sangue de Eliane Potiguara compõe o livro “Metade cara, metade máscara” publicado em 2004, obra que contém diferentes gêneros textuais como biografia, crônica e poesia.

Sobre a importância dessa obra Graça Graúna(2013) afirma que apesar da invisibilidade e da falta de reconhecimento que a literatura indígena no Brasil sofre ,a obra de Eliane Potiguara tem se tornado resistência.

O poema “Tocantins de sangue” consiste em uma narrativa sobre o sofrimento dos povos indígenas no período de colonização. Nele, a poeta descreve o sangue que foi derramado nesse período.

Logo no início do poema, a poeta relata a alma de um guerreiro. Ela compara a a vida como uma flor e reafirma que existe vida indígena nesta terra antes dos colonizadores chegarem :

“Há vida nesta flor
Há vida nesta vida
Tão guerreira
Despredida.
Há flor nesta vida.
Há vida nesta vida.
De guerreiro despredido.”(p.61)

Testemunha de uma realidade injusta e violenta, cruzada por conflitos, Eliane Potiguara representou com lucidez os conflitos e mazelas sofridas pelos povos originários.

“Nas veias Tocantins
Correu teu sangue humano
Louco,desvairado
Corre ou marca passo
A vida e a alegria
A ida que não devia.”(p.61)

Ela descreve a agonia e sofrimento dessa colonização que foi marcada por mortes e sangue de inocentes. Nesse trecho ela enfatiza como foi grande a devastação desses povos:

“Escorre,faz doer

Teu corpo humano
 Pinga no alvorecer
 Gotas, gotas rubras
 Sangue louco, desvairado
 Desvairado sangue
 Sangue desesperado sangue.”(p.61)

No último trecho Eliane descreve que houve luta nesse banho de sangue. Ela utiliza a voz poética para expressar o direito à vida e veicular informações não divulgadas na mídia, que são verdadeiras atrocidades cometidas contra as mulheres indígenas. Nesse trecho ela afirma: “indígenas não... indigentes.”(p.62) Segundo o dicionário Aurélio(2010) a palavra indigente significa: “que ou aquele que vive em indigência, sem condições de suprir suas próprias necessidades; miserável, necessitado, pobre.” A poesia de Eliane denuncia o genocídio que os indígenas sofreram, foram desalheados e colocados em situação de pobreza e passaram a sofrer doenças que não existiam nos seu território.

6-Poema “Neste século de dor”

O poema “Neste século de dor” também está no livro “Metade cara, metade máscara. Neste poema ela relata a situação da mulher indígena que desde da colonização está em uma posição inferior. O poema evidencia a dor sofrida por essa mulher, que foi subjugada e colocada na margem da sociedade. No primeiro trecho podemos evidenciar isso:

“Neste século já não teremos mais os
 sexos.
 Porque ser mãe neste século de morte.
 É estar em febre pra substituir
 É ser fêmea na dor
 Espoliada na condição de mulher.”

Ser mulher é ser colocada nessa condição de furto da sua singularidade e liberdade do ser humano.

Na Terceira estrofe Eliane descreve a questão de ser mulher e mãe. Os homens indígenas foram mortos ou colocados em trabalhos escravos o que resultou na morte dos maridos e filhos(as) das mulheres indígenas. A não procriação ocasiona na diminuição desses povos.

“Não temos mais vagina, não mais procriamos

Nossos maridos morreram
 É pra parir indígenas doentes
 Pra que matem nossos filhos
 E os joguem nas valas
 Nas estradas obscuras da vida
 Neste mundo sem gente
 Basta um só mandante.”

Em sua escrita ela problematiza esse processo de perda da história tanto física e emocional. Grande parte desses povos desapareceu sem antes haver uma documentação sobre os seus costumes. Nesse trecho ela descreve esse apagamento:

“Neste século não teremos mais peitos
 Despeitos, olhos, bocas ou orelhas
 Tanto faz sexos ou orelhas
 Princípios morais, preconceitos ou defeitos
 Eu não quero mais a agonia dos séculos.”(p.64)

Essa agonia que ela relata no final é o medo que até hoje os povos indígenas sofrem. As terras indígenas são dadas como sagradas como o ventre da mulher indígena, fecundas e reprodutoras.

Na última estrofe ela descreve a eliminação que a cultura indígena vem sofrendo durante esses séculos. Há também uma desesperança no último verso, onde o eu lírico não consegue ter uma expectativa positiva sobre o futuro. Nessa estrofe há também um ponto de interrogação com exclamação, o que pode ser entendido como uma súplica ou até mesmo uma surpresa.

“Neste século não teremos mais jeito
 Trejeitos, beleza, amor ou dinheiro
 Neste século, oh Deus(?!)
 Não teremos mais jeito.”(p.64)

Conclusão

A literatura produzida por Eliane Potiguara se constrói como uma militância feminista em uma sociedade que invisibilizou questões indígenas e as mulheres. Sua poesia fala de memória, luta e resistência e pode ser vista como uma ferramenta política.

Com isso, a condição de mulher indígena que usa a poesia como forma de luta pelos direitos de seu povo, o que coloca a escritora e ativista Eliane Potiguara em destaque na literatura brasileira.

Por isso, acredita-se que os estudos publicados sobre literatura e feminismo estão ajudando a propagar e desmitificar a literatura indígena. O que proporciona maior visibilidade para o assunto e auxilia a luta contra o machismo.

Bibliografia

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed

GRAÚNA, Graça. "*Identidade indígena: uma leitura das diferenças*". In: *Metade cara, metade máscara*. De Eliane Potiguara. São Paulo: Global, 2004. p. 17-21.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

RIBEIRO, Djamila. "O que é lugar de fala?". Belo Horizonte: Letramento, 2017.